



XV SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO
A Cidade, o Urbano, o Humano Rio de Janeiro, 18 a 21 de setembro de 2018

A CIDADE POR PARTES: O URBANISMO DE ARQUITETOS NA AMÉRICA LATINA NO LIMIAR DOS ANOS 1990¹

IDEÁRIOS, URBANISMOS E PROCESSOS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO
GISELA BARCELLOS DE SOUZA, PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE URBANISMO DA ESCOLA DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

RESUMO

O presente artigo visa contribuir para a compreensão dos limites semânticos do que se entende por “projeto urbano” e demonstrar as variações e a amplitude de significado que esta noção permitiu, na virada dos anos 1980 aos 1990, em diversos países Latino-Americanos. Optou-se por utilizar como recorte as 26 propostas urbanas apresentadas e publicadas nos anais do V Seminário de Arquitetura Latino-americana (SAL), realizado em Santiago do Chile, em 1991, que teve como tema “Nuestros espacios urbanos: Propuestas morfológicas”. Desenvolvidas entre meados dos anos 1980 e o ano de 1991 (muitas propostas ainda estavam em curso no momento de sua exposição) estas propostas revelam-se como um *locus* privilegiado para análise, no subcontinente, do nível de penetração das questões relativas à tipo-morfologia e ao projeto urbano, bem como das representações da prática do urbanismo por arquitetos neste período. Para tanto, o presente artigo se estrutura em três partes. Na primeira, aborda-se brevemente o ambiente arquitetônico-urbanístico que possibilitou a concepção de um SAL pautado na discussão de projetos urbanos. Na segunda, verifica-se a pertinência dos projetos apresentados à pauta estabelecida pelos organizadores do evento. Na terceira e última, analisam-se as diferentes acepções de projeto urbano que transparecem no *corpus* analisado.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto Urbano, Seminários de Arquitetura Latino-americana, Urbanismo de Arquitetos.

¹ Agradecemos ao CNPQ pelo apoio financeiro pelo Edital 25/2015 à realização do projeto de pesquisa – Processo 444019/2015 – de cujos resultados parciais são aqui apresentados.

THE CITY BY PARTS: URBANISM OF ARCHITECTS IN LATIN AMERICA AT THE THRESHOLD OF THE 1990S

ABSTRACT

This article aims to contribute to the understanding of the semantic limits of what is meant by "urbanistic project" and to demonstrate the variations and the wide range of meaning that this notion allowed, in the 1980s to 1990s, Latin American countries. For that purpose it analyses 26 urban proposals presented and published in the annals of the Fifth Latin American Architecture Seminar (SAL), held in Santiago, Chile, in 1991, whose central theme was "Our Urban Spaces: Morphological Proposals". Developed between the mid-1980s and 1991 (many proposals were still in progress by the time of their presentation), these proposals proved to be a privileged locus for analyzing the penetration of Typomorphology and Urbanistic Project debates, as well as the representations of the practice of urbanism by architects in this period. For this, the present article is structured in three parts. In the first one, we briefly discuss the architectural-urban environment that made possible the conception of a SAL based on the discussion of urbanistic projects. In the second, the adherence of the projects presented to the agenda established by the organizers of the event is verified. In the third and last one, we analyze the different meanings of urbanistic project that appear in the analyzed corpus.

KEY-WORDS: *Urbanistic Project, Latin-american Architecture Seminars, Urbanism of architects.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No final dos anos 1970, apoiando-se nos aportes dos estudos tipo-morfológicos, Christian Devillers propunha a noção de “projeto urbano” como alternativa à prática do planejamento urbano e indicava, como forma de viabilizá-lo, o urbanismo operacional – tal qual as Zones d’Aménagement Concertés (ZAC), instrumento existente na disciplina urbanística francesa desde 1967 (Ingallina, 2001). Ao fazê-lo, o arquiteto francês não estava sozinho – reverberava um coro de vozes oriundas de diversas partes da Europa Ocidental – e logo seria acompanhado numerosos textos que, ao longo da década de 1980, se propuseram a definir a noção de “projeto urbano”. A abundância de intervenções urbanísticas que se apoiou nesta noção a partir dos anos 1990, não tornou, no entanto, esta tarefa mais simples. Ao contrário, por meio da observação da prática se revela uma significativa dissonância na precisão de seus limites semânticos; o simples cotejamento entre as diferentes abordagens possíveis a partir desta noção elencadas por Masbounji (2002), Borja (2003), Lungo (2005), Ingallina (2001) e Busquets (2008) ratifica esta afirmação. No entanto, como afirmam Tsiomis e Ziegler (2007:25), “ainda que a noção de projeto urbano seja contraditória, e mesmo contestável, todo mundo afirma realizar projetos urbanos”. Em meio a diferenças das práticas inscritas dentro deste mesmo conceito, permanece como núcleo duro na cultura arquitetônico-urbanística, a compreensão do surgimento do debate sobre o projeto urbano como um dos desdobramentos das investigações sobre as relações entre os tipos edilícios e a morfologia urbana.

O presente artigo visa contribuir para a compreensão dos limites semânticos do que se entende por “projeto urbano” e de suas variações ao longo do tempo. Para tanto, analisam-se as variações e a amplitude de significado que esta noção permitiu, na virada dos anos 1980 aos 1990, em diversos países Latino-Americanos. A fim de possibilitar tal escrutínio, optou-se por utilizar como recorte as propostas urbanas apresentadas no V Seminário de Arquitetura Latino-americana (SAL), realizado em Santiago do Chile, em 1991, que teve como tema “Nuestros espacios urbanos: Propuestas morfológicas”.

Realizado pouco tempo após o concurso das “20 ideias para Buenos Aires”, de 1986, e simultaneamente à polêmica em torno da elaboração Plano Estratégico para o Puerto Madero, a convocatória do V SAL ambicionava a definição de parâmetros comuns – e que considerassem a perspectiva tipo-morfológica – para as intervenções em cidades latino-americanas de mais um milhão de habitantes (Souza, 2015). A fim de permitir a análise comparada das propostas e a definição, por meio desta, daqueles parâmetros comuns, a convocatória definia critérios para a apresentação dos projetos. Estes deveriam destinar-se a fragmentos urbanos específicos, com dimensão entre 4 a 10 hectares, que correspondessem ao que se nomeou na convocatória como “situações urbanas prototípicas”: a cidade antiga e/ou o centro histórico; o tecido urbano tipo cidade-jardim; a cidade existente com edificação urbana de média altura isolada no lote; e a periferia urbana (Souza, 2015).

A definição das propostas apresentadas neste evento como *corpus* de análise para este artigo se deu tanto por sua inserção em uma sequência de seminários que tiveram grande influência na constituição da cultura arquitetônico-urbanística entre meados dos anos 1980 e início dos anos 1990

— os Seminários de Arquitetura Latino-americana (SAL) —; quanto por sua significativa amplitude. Ao todo 32 intervenções urbanísticas foram apresentadas no evento – ainda que somente constem as pranchas de 26 projetos em seus anais (cf. Boza et al, 1991) – representativas de 11 países latino-americanos.

Desenvolvidas entre meados dos anos 1980 e o ano de 1991 (muitas propostas ainda estavam em curso no momento de sua exposição) estas propostas revelam-se, portanto, um *locus* privilegiado para análise, no subcontinente, do nível de penetração das questões relativas à tipo-morfologia e ao projeto urbano, bem como das representações da prática do urbanismo por arquitetos neste período. Para tanto, o presente artigo se estrutura em três partes. Na primeira, aborda-se brevemente o ambiente arquitetônico-urbanístico que possibilitou a concepção de um SAL pautado na discussão de projetos urbanos. Na segunda, verifica-se a pertinência dos projetos apresentados à pauta estabelecida pelos organizadores do evento. Na terceira e última, analisam-se as diferentes acepções de projeto urbano que transparecem no corpus analisado.

A CULTURA DO PROJETO URBANO NO CONE SUL

Antes de procedermos a uma breve caracterização da cultura do projeto urbano no Cone Sul precedente à realização do V SAL, devemos fazer uma breve distinção desta noção e àquela que lhe foi, e ainda é, frequentemente associada, ou seja, a de Desenho Urbano. Ainda que a distinção entre ambas permaneça em discussão (cf. Krieger e Saunders, 2008; Busquets, 2006) e que estas tenham como ponto comum o fato de buscarem precisar e realocar o papel do arquiteto junto à prática do urbanismo; quando se analisam a conjuntura de seu surgimento e sua operacionalização na cultura arquitetônico-urbanística observa-se que estas expressões assumem significados divergentes. Se, no caso específico do Brasil, a maior difusão da noção de Desenho Urbano ocorreu nos anos 1980² – motivada, sobretudo pela realização dos SEDUR e pelos aportes de brasileiros que retornavam de estudos na Oxford Polytechnic (Pavesi, 2015) –, concomitantemente, portanto, à revisão do Movimento Moderno e à introdução do debate da tipo-morfologia neste país, não se deve esquecer que esta associação não existia no momento em que esta expressão foi cunhada. O conceito de Desenho Urbano foi proposto pela primeira vez por Sert, em 1956, como ponto de encontro comum entre arquitetos, paisagistas e urbanistas e ultrapassaria o escopo destas três profissões (Sert, 2006). Há, portanto, uma tradição de um desenho urbano funcionalista (Sola-Morales, 1984) que antecede em quase duas décadas a noção de projeto urbano. Esta noção se afirmará na Europa nos anos 1970 justamente como reação crítica ao Movimento Moderno e ao Planejamento Urbano, como denúncia simultânea aos excessos cometidos pelo zoning e pelos grandes conjuntos habitacionais (Roncayolo, 2001; Saint Gutierrez, 2006). Ainda que, com o passar dos anos, possa se verificar certa convergência entre ambas as noções, esta não estava clara no momento de seu surgimento.

A coexistência temporal, que se observou no caso Brasileiro, entre revisão do Movimento Moderno e a difusão do Urban Design difere bastante também do que se verifica em outros do Cone Sul. No

caso do Chile e da Argentina, esta se deu na década precedente à emergência da noção Projeto Urbano. Poucos anos após a criação dos primeiros cursos de Desenho Urbano nos EUA – lembremos que os cursos de *City Design* na Penn University e o de *Urban Design* na Harvard são de 1957 e 1960, respectivamente – e antes mesmo que o *Urban Design Group* viesse a se constituir junto ao *NYC Planning Department* (Barnett, 1982), o chileno Gustavo Munizaga já havia cursado seu mestrado em *Urban Design* na Harvard (1964-65) e o argentino Horacio Pando organizava uma cátedra de Diseño Urbano na FADU da Universidad de Buenos Aires (Pando, 1965)³.

Ao final da década de 1970, concomitante aos primeiros ensaios de definição de Projeto Urbano na Europa, arquitetos argentinos e chilenos ensaiavam suas primeiras tentativas de pensar a “cidade por partes”. No primeiro caso, referimo-nos as série de experimentos ensejados inicialmente pelos ateliês conduzidos em *La Escuelita* (1976-1983) No segundo, ao projeto urbano elaborado para *Santiago Poniente* (1977) elaborado pelo coletivo chileno nomeado CEDLA – do qual aliás, parte significativa do comitê organizador do V SAL fizera parte (cf. Souza, 2013). Ainda que estas experiências não correspondessem ao *mainstream* da produção arquitetônico-urbanística, tiveram significativa importância na revisão da cultura disciplinar naqueles países.

Logo, pensar a “cidade por partes” não era, certamente, uma proposta nova no início dos anos 1990. Anos haviam permitido, por um lado, a ampla circulação – e assimilação – aos escritos de Rossi⁴ e Aymonino⁵ que teorizavam sobre este tema, assim como à ideia da *Collage City* proposta por Rowe, que também conduzia à abordagem fragmentária da cidade. Estas referências, entre outras, serviram de base para a afirmação de uma prática do urbanismo de arquitetos que preterira a escala global e a abstração do plano, optando pelo desenvolvimento de peças urbanas arquitetonicamente definidas.

Na ocasião da organização do V SAL, diversos concursos internacionais haviam experimentado esta nova forma de pensar a cidade⁶ e muitos dos projetos urbanos já estavam concluídos ou em vias de conclusão – o IBA Berlim, as reconversões das áreas de docas de Londres e as de Amsterdã, os grandes projetos de Mitterrand e os projetos urbanos de Barcelona, dentre os quais a Vila Olímpica em execução naquele momento, para citar apenas alguns exemplos emblemáticos⁷. Havia, portanto, um cenário de fundo denso de projetos, debates e proposições teóricas, de tal sorte que a proposição, ensejada por Aymonino em 1975, da abordagem da problemática da cidade por partes, ou seja, por intermédio de “novas intervenções pensadas e realizadas à escala arquitetônicas, [...voltadas] no entanto para a estrutura urbana no seu conjunto, modificando-a substancialmente” (Aymonino, 1984: 136) já contava, no início dos anos 1990, com diversos experimentos internacionais

² Não queremos, com esta afirmação, minimizar a importância das contribuições de Golsing que, ainda nos anos 1970, ministrou a disciplina de Desenho Urbano na UNB (Del Rio, 2002). Apenas devemos reconhecer a posição marginal em que estava inserido frente aos debates dominantes neste momento.

³ Salienta-se também que, Enrique Browne, um dos organizadores do V SAL, concluiu em 1969 seu mestrado em Desenho Urbano no MIT, ocasião em que trabalhou diretamente com Lynch (Browne, 2011).

⁴ Referimo-nos aqui ao segundo capítulo de “*L’architettura de la città*” (1966) em que Aldo Rossi se dedica ao estudo da estrutura da cidade por partes.

⁵ Ver, mais especificamente os capítulos “Arquitetura como fenômeno urbano” e “Partes da cidade e a dimensão arquitetônica” em Aymonino (1984).

⁶ Citamos, somente a título de exemplo, o concurso de La Villette (Paris) em 1978, e Bicocca (Milão) em 1986.

⁷ Não caberia aqui fazer uma relação da bibliografia sobre o assunto, já amplamente estudado. A título de referência, no entanto, remetemos a abordagem panorâmica de Ordeig Corsini(2004).

que interpretavam formas de concretizá-la.

No contexto regional, não se poderia deixar de incluir, entre aqueles primeiros ensaios, o concurso para “20 ideias para Buenos Aires”, de 1986, que, inspirado no “Plano para as 50 ideias de Madri” de Eduardo Leira (Sainz Gutiérrez, 2006; Terán, 1999) – e contando com a colaboração deste arquiteto por meio de um convênio de cooperação entre a Municipalidade de Buenos Aires e a Espanha⁸ –, solicitava propostas urbano-arquitetônicas para fragmentos da cidade, no caso, vazios urbanos no centro e na periferia⁹. Para Gorelik este concurso não representa um fato isolado, mais sim uma peça chave ao longo de um percurso – cujos primeiros passos foram dados ainda sob o período ditatorial – que se manifesta na transformação da cultura arquitetônica e urbana argentina no contexto da retomada da democracia e da crise econômica:

[Neste contexto,] o que se tornou fundamental era de ideia da “cidade por partes”, que permitiu o despojamento em relação às ambições estruturais dos planos tradicionais: a nova visão da cidade, como um mosaico de diferentes situações, oferecia não apenas a perspectiva pluralista em termos de romper com ilusões totalizantes (leia-se: totalitárias) de modernização da cidade, mas também uma leitura realista na medida em que apoiou a execução de projetos pequenos e fragmentários. (Gorelik, 2007:67)

Este concurso e a agitação cultural que proporcionou no meio profissional argentino não eram, obviamente, ignorados pelos arquitetos do outro lado da cordilheira dos Andes. Este debate encontrava ressonância direta nos debates e questões que, historicamente, o grupo de arquitetos do CEDLA havia procurado fomentar no contexto chileno. Logo, não por acaso, na revista deste coletivo, a ARS – edição de maio de 1988, número 10 –, se republicou a introdução do artigo de reflexão sobre este concurso que Laura Spinadel e Claudio Blazica escreveu originalmente no ano anterior para a *Summarios* (Spinadel e Blazica, 1987). Ao final do texto, afirmava-se o engajamento do corpo editorial da ARS em publicar com maiores detalhes os projetos selecionados pelo concurso na próxima edição¹⁰ – fato que não acabou se efetivando.

A realização do concurso das “20 ideias para Buenos Aires” e o interesse de países vizinhos por seus resultados não demonstra apenas o grau de enraizamento que a ideia da “cidade por partes” encontrava na cultura arquitetônica e urbanística do Cone Sul. Observa-se, também, nesse certame outro aspecto que parece crucial que seria retomado na convocatória do V SAL: a ideia do projeto como reflexão. Ao contrário das “50 ideias para Madri”, as propostas desenvolvidas para a convocatória das “20 ideias para Buenos Aires” não contaram com um diagnóstico geral da cidade (Gorelik, 2007). O ato de prescindir de uma diagnose, neste momento, não era gratuito, mas sim uma tomada de postura. Transparece em ambas as convocatórias – a do seminário de Santiago do Chile e

⁸ Firmado no contexto da celebração do quinto centenário da chegada de Colombo à América – Jajamovich (2011).

⁹ Ao contrário do exemplo madrileno, cujo plano precedeu os projetos, no caso portenho não havia um plano por trás do concurso. O concurso para as 20 ideias foi organizado quando *Dardo Cúneo* e *Alberto Varas* ingressaram no *Consejo de Planificación Urbana de la Municipalidad de Buenos Aires* (CPU), um como presidente, o outro como conselheiro, respectivamente. Os números 119 e 120 da *Summarios*, de 1987, foram dedicados ao concurso das 20 ideias – ver também a respeito: Jajamovich (2011).

¹⁰ Cf. “Concurso 20 ideas para Buenos Aires” In: ARS. Santiago do Chile: CEDLA, n.10, mai 1988, p.75

a do concurso de Buenos Aires – a concepção de que o ato de projetar implica em si a existência de uma análise, ou uma investigação, sobre a situação em que se intervém. Ressoava-se, portanto os debates dos arquitetos da *Tendenza* e o que postulavam Gregotti em “Território da Arquitetura” e Grassi em “A construção lógica da arquitetura”: “Não se pode [...] falar de projeto sem falar das técnicas com as quais este se inicia, [...] sem falar de análise (na condição de dirigida ao conhecimento da matéria mesma do projeto)” (Grassi, 1973).

Portanto, para o contexto do Cone Sul, a convocatória do V SAL não inovava nem na ideia de pensar a cidade latino-americana por partes, nem na proposição de que a reflexão se desse por meio de projetos. A novidade estava em propô-las dentro do espaço dos Seminários Latino-Americanos de Arquitetura, os quais haviam se mantido até então um pouco à margem destes debates.

PROPOSTAS PARA AS PARTES DA CIDADE LATINO-AMERICANA

A despeito de não ter sido a temática central dos Seminários de Arquitetura Latino-americana, as questões urbanas estiveram presente nos quatro eventos precedentes à realização do SAL V. Latente nos dois primeiros eventos – realizados em Buenos Aires em 1985 e 1986 –, aparecendo sempre como contextualização necessária, a temática relativa às especificidades da cidade latino-americana ganharia corpo no III e no IV SAL – realizados em Manizales (1987) e Tlaxcala (1989) –, sendo abordada em sessões temáticas exclusivas uma sobre a periferia urbana, outra relativa aos centros históricos (Souza, 2013). Na convocatória para o V SAL — redigida por Enrique Browne, Cristián Fernández Cox, Pedro Murtinho —, declarava-se o objetivo de promover a ampliação da atuação dos SAL. Estes seminários deveriam, portanto, passar a abarcar, também, a reflexão sobre a deterioração do espaço urbano das cidades latino-americanas e a buscar a definição de orientações comuns para reversão deste processo (Boza et al, 1991). Justificava-se, por conseguinte, a necessidade de definição de requisitos específicos para os projetos a serem apresentados como forma de permitir a análise comparada.

O ato de definir novos parâmetros para apoiar o debate por meio da convocatória, contudo, seria completamente inócuo no seminário se não houvesse a adesão de arquitetos interessados em discutir a pauta proposta dentro dos moldes estabelecidos. Em um primeiro – e genérico – olhar os números nos revelaram que não apenas o evento conseguiu atrair apresentações de projetos e de textos¹¹, como o número destas ultrapassou aquele dos verificado nos seminários anteriores.

É possível, com raras exceções, analisar os projetos a partir de seu enquadramento das situações urbanas propostas pela convocatória. Dentre os projetos previstos para apresentação no V SAL, apenas 3 não se enquadravam em nenhuma das situações urbanas específicas propostas pela convocatória. Duas delas extrapolavam a ideia da cidade por partes e abrangiam a sua totalidade: as ordenanças para o parcelamento e a ocupação do solo desenvolvidas pela Municipalidade e Córdoba (1985) e a renovação de Caracas por meio do metrô, projeto de Max Pedemonte. Outra intervenção

¹¹ Visto que os textos apresentados não abordam questões relativas a projeto urbano ou à prática do urbanismo de arquitetos na América latina, estes não são objeto de análise neste artigo. Para maiores informações a respeito ver Souza (2013).

destinava-se apenas ao redesenho de uma praça em área verticalizada de Caracas, junto ao campus *Universidad Central de Venezuela*, que buscava articular e compatibilizar diferentes tipos de transportes.

Ainda que nem todos os projetos tenham seguido por completo os parâmetros indicados por aquela, observa-se que houve, de modo geral, uma adequação à proposta do evento. Os aspectos relativos à tipo-morfologia transpareciam na maioria dos projetos publicados – vinte e um no total – seja mediante o simples emprego de vocábulos relacionados a este debate ou, até mesmo, por meio de leituras meticolosas e ensaios de tipificação. O requisito de que os projetos se destinassem a cidades com mais de um milhão de habitantes também foi respeitado por quase todas as propostas enviadas, exceto em quatro: duas que se voltavam a povoados¹² e outras duas que se inseriam em cidades menores que o piso estipulado na ocasião¹³.

O escrutínio do total das contribuições publicadas e aquelas cuja apresentação estava prevista no programa (cf. Souza, 2013) revela que entre os países representados por *habitués* desde os primeiros SAL – Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e Peru –, ou entre aqueles que sediaram algum dos anteriores – soma-se, no caso, o México –, houve a preocupação em apresentar, pelo menos, projetos que abarcassem aquelas situações que polarizaram os debates sobre a cidade latino-americana nos III e IV SAL, ou seja: o centro histórico – ou a cidade antiga – e para a periferia urbana (Souza, 2013). Para os demais países – sejam aqueles que se juntavam pela primeira vez aos seminários, ou aqueles cujas contribuições anteriores nos SAL haviam sido intermitentes e sem continuidade de personagens entre os seminários – esta aparente regra de apresentar propostas para os dois polos da cidade não foi seguida.



¹² Trata-se de duas propostas que representavam a Argentina no evento, uma tratava de pequenos povoados históricos na província de Buenos Aires e outra abordava situação análoga na província de Córdoba.

Figura 1 - Sequência de espaços públicos no setor Guayaquil, Centro Histórico de Medellín, proposta de Ramiro Henao, apresentada no V SAL. Fonte: Acervo pessoal de Humberto Eliash.

Entrevistas realizadas com os responsáveis pelas escolhas dos projetos que representaram a Argentina, o Brasil e a Colômbia – Jorge Moscato¹⁴, Carlos Eduardo Comas e Silvia Arango, respectivamente – confirmam a existência de um padrão subjacente entre aqueles países que sempre participaram dos SAL. Os discursos dos entrevistados revelam que houve uma atenção cuidadosa na definição das propostas a serem apresentadas, procurando compreender como estas se encaixavam nas situações urbanas definidas do evento e quais questões que levantavam. Moscato, ao listar os projetos que escolhera, chegou a afirmar que nesta seleção “havia uma relação direta entre a obra que se produz e a teoria urbana [que se construía junto aos SAL]” (Moscato, 2011)¹⁵. Arango, por outro lado, escolheu três projetos que tinham em comum a proposição de sequências de espaços públicos e indica que chegou a realizar uma pequena investigação sobre estas propostas: buscou conhecer pessoalmente os arquitetos responsáveis, recolheu e organizou as informações sobre os projetos e visitou as obras da única, dentre as propostas colombianas, cuja execução havia sido iniciada – o projeto em situação de urbanização marginal nomeado “Gérmenes de la Ciudad” – (Arango, 2011). A fim de representar o Brasil no evento, Comas levou um projeto que se inseria em área periférica, o qual havia orientado junto ao PROPAR (Comas, 2011), e convidou Álvaro Hardy para apresentar o projeto que desenvolvera para o concurso para o centro de Belo Horizonte¹⁶.

Portanto, não por acaso, entre estes países que estiveram representados por *habitués* em todos os seminários anteriores ao de Santiago, as situações intermediárias entre o centro histórico e a periferia foram pouco exploradas. Apenas a Colômbia apresentou uma alternativa de normativa para um setor de *Ciudad Salitre*¹⁷ que conformava um tecido urbano de altura edilícia mediana; e o Chile foi representado pelo projeto de *Nueva Providencia* que transformava a estrutura urbana constituída por loteamentos jardins.

¹³ Referimo-nos aqui às propostas para Willemstad (Curaçao), que possuía menos de 100 mil habitantes em 1991 e para San José da Costa Rica, que, na ocasião, ainda não contava com 1 milhão de habitantes.

¹⁴ Moscato não foi responsável definição da totalidade dos projetos apresentados, mas sim por todos aqueles de Buenos Aires, que constituem 6 do total de previstos e/ou publicados nos anais do evento – Moscato (2011). Os projetos da região de Córdoba foram escolhidos e apresentados por César Naselli.

¹⁵ Moscato sempre defendeu a ideia de que os SAL constituíram uma teoria urbana entre os eventos de Manizales e de Santiago – cf. Moscato (1996).

¹⁶ A respeito do concurso para o centro de Belo Horizonte, ver a reportagem: MARINHO, Gabriela. Propostas em convergência: BH Centro. In: AU, São Paulo: Pini, n. 28, jan/fev 1990, p. 75-85.

¹⁷ Ciudad Salitre, em Bogotá, era, segundo Arango, uma urbanização à la CIAM, com torres isoladas nos terrenos. (Arango, 2011).

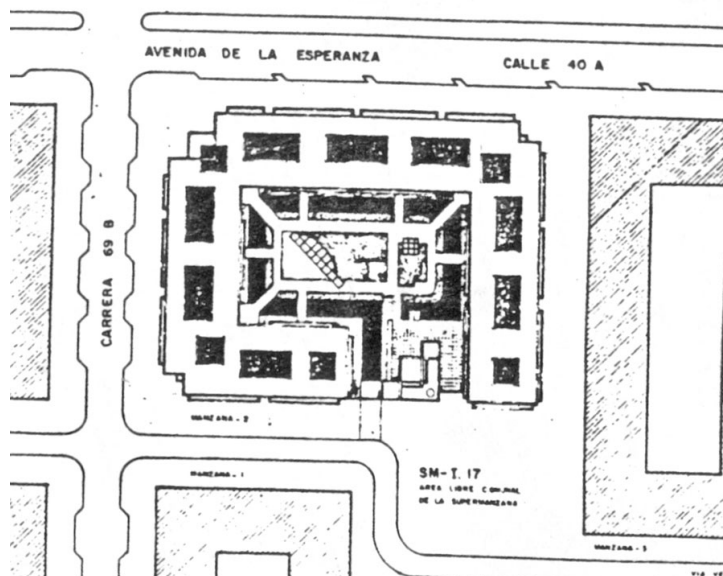


Figura 2 - Detalhe de quarteirão que sintetiza a proposta de revisão de normativas em Ciudad Salitre elaborada por Sérgio Trujillo Jaramillo e Juan Manuel Gutierrez Alvarez. Fonte: Boza et al (1991)

Todos os países participantes, no entanto, apresentaram projetos para centros históricos. De fato, as propostas para esta parte da cidade representam a maior parte do que foi publicado nos anais: dezoito sobre o total de vinte e oito projetos. Certamente, tais números não são apenas uma coincidência de interesses; eles testemunham que, ainda no início dos anos 1990, o vocabulário referente à tipo-morfologia estava associado às intervenções em centros históricos e em áreas de interesse patrimonial, tendo como grande referência o Plano de Bolonha de Cervelatti e Scannavini (1969). Entre os projetos publicados que se destinavam a esta situação urbana, treze apresentavam algum nível de preocupação com o patrimônio arquitetônico-urbano; seja mediante a definição de princípios para restauração e reabilitação, seja por meio de normas edilícias que procuravam articular tecidos do século XVIII e XIX às novas intervenções.

Outro fato digno de nota é que, neste momento, aqueles *habitués* dos SAL que haviam fomentado o debate sobre a periferia urbana em Manizales ou apresentaram projetos que se destinavam para o centro histórico, ou, simplesmente, não expuseram projeto algum. O primeiro caso não é apenas o de Humberto Eliash que, junto com parte da comissão organizadora, desenvolvera a proposta de revisão de normas para *Santiago Poniente*, tecido urbano junto ao centro tradicional de Santiago. Inserem-se, também, neste quadro os sócios Moscato e Schere que, neste momento, estavam envolvidos com cargos de administração pública e desenvolviam propostas de significativa importância para o centro de Buenos Aires que foram levadas para discussão no V SAL¹⁸: o projeto de Puerto Madero – em sua primeira versão, ou seja, aquela desenvolvida com a consultoria dos espanhóis Joan Busquets, Jordi

¹⁸ Durante o período em que o peronista Carlos Grosso foi prefeito de Buenos Aires, ou seja, entre 1989 e 1992, Moscato e Schere assumiram cargos junto à municipalidade. Moscato foi entre 1989 e 1992 conselheiro de planejamento urbano na *Secretaría de Planeamiento* do município de Buenos Aires e participa, neste momento, do desenvolvimento do projeto de Puerto Madero. Rolando Schere, por outro lado, assumiu entre 1991 e 1993 o cargo de gerente de projetos do Programa de Revitalização da Avenida de Mayo (Moscato e Schere, 2000).

Borja e Joan Alemagni¹⁹ – e o Programa de Revitalização da Avenida de Mayo (PRAM), cuja viabilização se deu por meio de convênio entre a municipalidade de Buenos Aires e a *Sociedad Quinto Centenario* da Espanha²⁰. A despeito da grande fortuna crítica que o projeto para o Puerto Madeiro obteria nos anos subsequentes, na ocasião do V SAL o PRAM – que se inseria entre as atividades comemorativas do quinto centenário da chegada de Colombo à América (Garay, 2007) – parece ter despertado maior interesse, tendo sido a única das propostas para os centros históricos a ser destacada pela crônica publicada em *El Mercurio* (Montero Ward, 1991).

Se, por um lado, aqueles que, em Manizales, haviam levantado a necessidade de refletir sobre a arquitetura da periferia assumiam agora outros rumos, por outro, este tema continuou a motivar interessados; este congregou o segundo maior número de projetos – um total de sete projetos apresentados, dos quais cinco foram publicados (cf. Boza et al, 1991). Entre os projetos apresentados, dois transformavam grandes glebas periféricas – uma sede de antiga fábrica e outra de propriedade uma sociedade de transporte urbano – em bairros de uso mistos, porém com propostas morfológicas distintas: o projeto para a antiga sede da SNIAGA, entre Buenos Aires e La Plata, e a proposta para a gleba SOPAL, no bairro Parque dos Maias, em Porto Alegre²¹. O primeiro fora desenvolvido pela direção de obras da província de Buenos Aires e, para além de promover a reciclagem de alguns edifícios, buscava, também, recuperar a quadricula nos tecidos residenciais novos, como forma de se assemelhar à forma urbana da repetição, típica das cidades coloniais hispano-americanas. O segundo projeto, desenvolvido por Comas junto ao PROPAR/UFRGS – com a participação de Glenio Boher, Marta Peixoto e Roni Anzolch (Comas, 1991) –, assumia o desafio oposto: o de se destacar figurativamente em relação ao entorno. Inserido em uma área em processo de consolidação²², no novo bairro proposto utilizavam-se tipos edilícios inexistentes no tecido do entorno – edifícios com implantação em “*redents*”, “em U”, que definiam os novos espaços públicos, sem delimitá-los por completo – como forma de garantir sua identidade morfológica em face do tecido existente. Apesar de Comas ter afirmado que o projeto apresentado não despertou muito interesse no V SAL (Comas, 2011), esta proposta para o Parque dos Maias foi uma das três destacadas pela reportagem de *El Mercurio* sobre o evento (Montero Ward, 1991).

¹⁹ Salienta-se o fato de já havia sido lançado, em junho de 1991, o concurso elaborado pela *Sociedad Central de Arquitectos* (SCA) e pela administração municipal como resposta à polêmica gerada entre o meio profissional após a apresentação do “*Plan Estratégico Antiguo Puerto Madero*” em julho de 1990 – Gorelik (2007). Ou seja, o projeto apresentado no V SAL não encontrava amplo apoio entre os arquitetos argentinos neste momento.

²⁰ Por intermédio desta cooperação criou-se um escritório municipal que foi responsável pela intermediação entre os diversos agentes interessados – proprietários, habitantes, agentes imobiliários – a fim de promover novos investimentos na área e a recuperação da avenida que se encontrava em processo de degradação. Segundo Garay, “em três anos este programa conseguiu alcançar a renovação de vinte e cinco edifícios e quarenta e cinco intervenções no pavimento térreo” Garay (2007).

²¹ Este projeto não foi publicado nos anais, porém há menções a respeito dele em Irigoyen (1992); bem como em Montero Ward (1991).

²² A gleba SOPAL encontrava-se junto a invasões regularizadas, loteamentos de classe média baixa e área industrial (Comas, 1991).

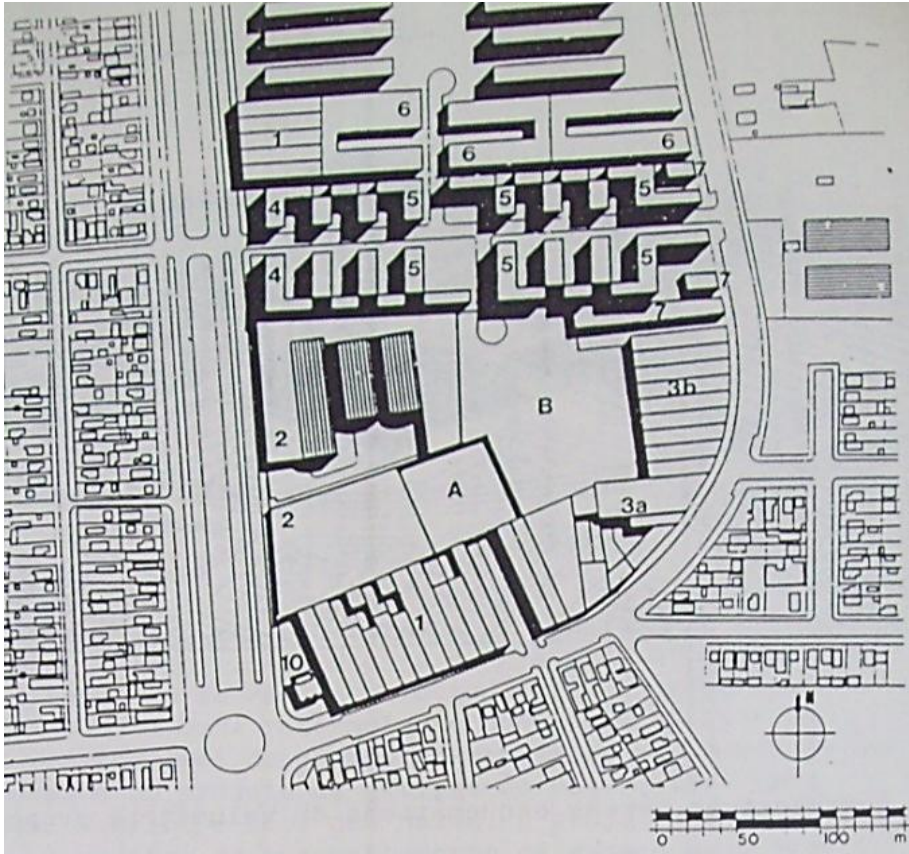


Figura 3: Projeto para a Gleba SOPAL no Parque dos Maias, Porto Alegre, desenvolvido junto ao PROPAR e apresentado por Comas no V SAL. Fonte: Comas (1991)

As demais situações urbanas definidas pela convocatória não foram capazes de motivar número significativo de projetos. Os tecidos urbanos com edificação isolada de média altura foram abordados por apenas dois projetos, enquanto a trama urbana tipo cidade-jardim contou com somente três projetos apresentados – dos quais dois foram publicados. Não por acaso, a supracitada reportagem publicada em *El Mercurio*, que procurou distinguir um projeto de cada situação urbana e entrevistar os arquitetos responsáveis por sua elaboração – tendo entrevistado, portanto, Rolando Schere, Carlos Eduardo Comas e Sergio Trujillo, responsável pelas normas para *Ciudad Salitre* –, não apontou nenhum projeto para os loteamentos tipo cidade-jardim (cf. Montero Ward, 1991). Nesta situação urbana, não havia somente poucos interessados, como, também, não houve nenhum *habitué* dos SAL que tenha se motivado em desenvolvê-lo.

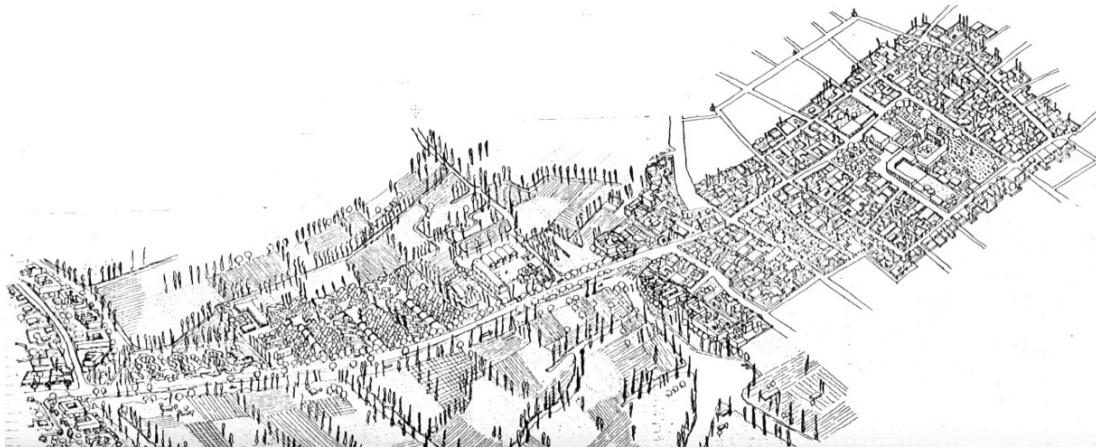


Figura 4 - Projeto para Mixquic, cidade incorporada à periferia da Cidade do México, elaborado para o V SAL sob a coordenação de González Lobo. Fonte: Boza et al (1991).

Os projetos que obtiveram maior destaque na mídia, no entanto, não foram aqueles que demonstraram o desenvolvimento e a continuidade de aspectos que haviam sido debatidos nas mesas relativas à cidade latino-americana nos terceiro e quarto SAL. Deixados de fora das reportagens sobre o evento, dois projetos que representaram o México parecem ter buscado mais claramente os desdobramentos dos debates anteriores: um, coordenado por Carlos González Lobo, abordava o tema da periferia urbana; o outro, realizado por Rafael Rangel Lopez, voltava-se para situação em centro histórico. O projeto de González Lobo chegou a ter sua qualidade destacada durante a entrevista de Eliash. Segundo o arquiteto chileno, “foi uma pena não poder discuti-lo em profundidade” (Eliash, 2011). Neste projeto para a cidade de Mixquic – povoado histórico que foi incorporado pelo crescimento da periferia da Cidade do México –, González Lobo, que havia participado na mesa relativa à cidade de massas do IV SAL, buscou avançar em sua contribuição para a construção de teoria da arquitetura da cidade da periferia, buscando caracterizar, para além dos tipos edifícios e da morfologia urbana, os tipos de crescimentos (cf. Boza et al, 1991). Rafael Rangel Lopez, por outro lado, retomou a proposta de Boza, apresentada no III SAL, do bairro como ponto de partida para intervenção da cidade latino-americana, para, a partir da aplicação deste princípio, propor a intervenção em bairro histórico da Cidade do México (cf. Boza et al, 1991).

A restrição de disponibilidade temporal na programação para o debate, no entanto, impediu que as expectativas de legitimação de projetos e de estabelecimento de pactos coletivos, que transpareciam no planejamento do evento, fossem desenvolvidas em qualquer nível. Devido à quantidade de propostas de apresentação recebidas, as exposições tiveram que ser breves (cf. Boza et al, 1991). A falta de tempo para a compreensão e debate adequados dos projetos foi destacada nos depoimentos de Arango, Comas, Eliash e Moscato. Logo após o seminário, Irigoyen (1992) destacava este aspecto em sua crônica publicada na revista AU: “A quantidade e a qualidade dos trabalhos apresentados e a falta de tempo impediram, porém, que a discussão se aprofundasse sobre cada obra, para a frustração de todos”. Anos mais tarde, Eliash ainda lamentaria a falta de previsão do debate como uma falha na concepção do evento:

Debatemos projetos sem o conhecimento exato desta realidade, isto é pouco consistente. [...] Tamanhas eram as complexidades, as particularidades de cada projeto, que era muito difícil envolver-se em pouco tempo. Mais ainda, [equivocamo-nos] porque tínhamos a expectativa que

isto [o seminário] servisse para que depois este projeto se canalizasse na realidade. Era algo muito mais complexo e nós nem sequer manejavamos as estruturas de poder e de financiamento para que estes projetos avaliados por nós pudessem ser concretizados (Eliash, 2011).

Logo, o V SAL encerrava-se sem alcançar seus objetivos. Por um lado, foram inócuos os esforços no sentido de criar um quadro que legitimasse as propostas apresentadas. Por outro, frustrou-se, também, o objetivo de definir diretrizes comuns para as intervenções em cidades latino-americanas. A ausência de um debate intenso impediu a análise comparativa do conjunto de projetos apresentados, condição *sine qua non* para que se revelassem e avaliassem aspectos comuns a estes. As ambições de aproximar os Seminários de Arquitetura Latino-americana a uma abordagem mais operativa, tal qual a que se identificava nos CIAM (cf. Souza, 2015), encerrava-se, portanto, na convocatória.

A AMPLITUDE SEMÂNTICA DO PROJETO URBANO

Não obstante o fato de que a análise comparada não tenha ocorrido durante o V SAL e de que, por conseguinte, este evento não correspondeu às suas ambiciosas expectativas; o conjunto das propostas apresentadas nos revela hoje a amplitude em torno da noção de “projeto urbano” no limiar dos anos 1990 no contexto latino-americano. Ao contrário do que propunha-se contexto europeu, em que a noção estava associada a um urbanismo operacional, no outro lado do Atlântico, propunha-se sua viabilização por dos mais diversos instrumentos possíveis: desde revisão de normativas à programas específicos, passando, também, pela execução de projetos pontuais.

A análise deste *corpus* revela uma quantidade significativa de propostas urbanas que apoiavam na proposição da revisão de normativas. Ao todo, dos vinte e seis projetos analisados, quinze previam a revisão de normativas. Para sete, dentre estes, esse era o produto final apresentado e o instrumento previsto para viabilização e exequibilidade destas propostas. Outras seis apresentam um plano de massas – representação típica dos projetos urbanos neste momento –, mas indicavam que este serviriam como base de revisão para as normas de uso e ocupação.

A reativação, ainda que sob a perspectiva de debate do projeto urbano, de parâmetros clássicos do zoneamento – tais como taxa de ocupação, alinhamentos, afastamentos, recuos e coeficientes de aproveitamento – indica uma abordagem própria e particular desta questão. Ora, o zoneamento fora justamente, nos anos 1970, objeto de ampla denúncia no sentido em que rompia com as relações entre tipos edilícios e a morfologia urbana – antídoto para o qual a única solução, então apresentada, seria o projeto por fragmentos urbanos em que os espaços públicos representassem a figura principal (Devillers, 1974). O recurso a um instrumento de uso corrente na prática do urbanismo, com larga tradição de aplicação, revela uma tendência à uma abordagem pragmática da questão no subcontinente, reduzindo as especulações tipo-morfológicas a parâmetros que pudessem ser realizados inteiramente pelo mercado imobiliário, sem qualquer ação direta do Estado.

A figura do projeto de fato de um fragmento de cidade apareceu apenas em três propostas presentes no *corpus*: uma requalificação de borda d'água em Lima, um projeto de *infill* em Buenos Aires para gleba SNIAFA e um conjunto habitacional em Willemstad (Curaçao). A figura dos projetos urbanos pontuais – tal qual as acupunturas urbanas que marcaram as intervenções em Barcelona antes da

Vila Olímpica – também não representaram a abordagem mais numerosa, apenas quatro das propostas escolheram esta via como forma de viabilização: as intervenções no centro de Belo Horizonte, em espaços públicos em San José, em Medellín e dois projetos na Venezuela – um em Chacao e outro em Caracas. Outros quatro projetos indicaram sua possibilidade de execução por meio de programas. Esta solução apontada tanto para o caso de intervenções em tecidos históricos – a reabilitação de povoados históricos na província de Buenos Aires; a intervenção em Havana Vieja (Cuba) – como para aqueles de periferia marginal, um na região metropolitana de Lima e outro destinado à comunidades em Bogotá, o chamado “Gérmenes de Ciudad”.

Curiosamente, as possibilidades de soluções consorciadas, seja por meio de parcerias público-privadas ou de sociedades de gestão mista que viriam a polarizar os debates sobre os projetos urbanos nos anos subsequentes (cf. Cuenca, Novaes e Vainer, 2013) – e que aliás, já vinham sendo investigadas no contexto latino-americano (Maleronka, 2010; Garay, 2007) – quase não foram mencionadas pelos projetos constantes nos anais do V SAL. Ainda que o projeto do Plano Estratégico para o Puerto Madero tenha sido apresentado – porém não publicado – no seminário; apenas um único projeto dentre o *corpus* analisado apresentou a possibilidade de participação do capital privado para execução da proposta apresentada: o Distrito de San Isidro na região metropolitana de Lima²³, local em que se concentra a classe mais abastada, constituído por uma série de sub-centros.

Outro aspecto a salientar na leitura deste *corpus* é relativo à autoria dos projetos apresentados. Ainda que parte significativa dentre estes tenha indicado a revisão do zoneamento como forma de viabilizar os projetos apresentados, somente quatro entre estes haviam sido desenvolvidos dentro do âmbito de órgãos públicos de planejamento; três oriundos de órgãos municipais nas cidades de Córdoba e de Buenos Aires na Argentina e um da municipalidade de Bogotá. Tal fato revela tanto uma mudança na composição destes órgãos públicos como no próprio perfil do urbanista arquiteto. Se, sob durante o período da hegemonia dos planos diretores, os institutos de planejamento pareciam o local por excelência para o exercício profissional do urbanismo; a revisão deste sob a perspectiva do projeto, por outro lado, abria a possibilidade para uma atuação mais pulverizada e disseminada entre escritórios de arquitetura.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Como se demonstrou ao longo deste artigo, ainda que ideia de se pensar a “cidade por partes” não fosse uma novidade no limiar dos anos 1990 no contexto do Cone Sul, os projetos apresentados no V SAL distanciam-se muito do debate motivado pela realização dos primeiros grandes projetos urbano no continente europeu nos anos 1980. Prevalece uma abordagem pragmática da perspectiva do projeto urbano que se apoia na prática consolidada do urbanismo. Se, em seus primeiros ensaios de tradução cultural, os arquitetos envolvidos nas experiências da *Escuelita* e do CEDLA se aproximavam das práticas europeias que entendiam, nos anos 1970, o projeto urbano como sinônimo

²³ Esta proposta estava entre aquelas raras que se enquadravam na situação de “edificações isoladas e verticalizadas”.

de “composição urbana” ou da ideia de um projeto de arquitetura em “grande escala” (Ingallina, 2001), o mesmo não ocorre no limiar dos anos 1990, quando se afastam da perspectiva do urbanismo operacional e buscam reinterpretar os instrumentos pertinentes ao plano. Por outro lado, a diversidade nas formas de se conceber a exequibilidade das propostas revela a amplitude semântica que o projeto urbano assume neste contexto.

REFERÊNCIAS

- AYMONINO, C. **O significado das cidades**. Lisboa: Editorial presença, 1984.
- ARANGO, S. *Depoimento*. [11 de novembro de 2011]. Campinas: Arquivo digital da gravação (1 hora e 11min.). Entrevista concedida a Gisela Barcellos de Souza.
- BARNETT, J. **An Introduction to Urban Design**. New York: Harper & How, 1982
- BOZA et al. (org). **Seminário de Arquitectura Latinoamericana**. Nuestro Espacio Urbano: Propuestas Morfológicas. V, 1991. Santiago do Chile. *Anais...* Santiago do Chile: s.n. 1991
- BORJA, J. **La Ciudad Conquistada**. Madrid: Alianza Editorial, 2003.
- BUSQUETS, J. **Cities X Lines**. A new lens for the urbanistic project. Cambridge: Harvard University, 2006.
- BUSQUETS, J. Defining the Urbanistic Project: Ten Contemporary Approaches. In: Krieger, A. e Saunders, W. (org.). **Urban Design**. Minneapolis: University of Minesota Press, 2008.
- COMAS, C. E. D. *Depoimento*. [01 de abril de 2011]. Porto Alegre: Arquivo digital da gravação (4horas e 37min.). Entrevista concedida a Gisela Barcellos de Souza.
- COMAS, C. E. et al. **Uma superquadra periférica de Porto Alegre**. Relatório de estudo de desenho urbano. [memorial do projeto apresentado no V SAL]. Porto Alegre: s.n., 1991.
- CUENCA; VAINER; NOVAIS (org). **Grandes Projetos Urbanos**. Olhares críticos sobre a experiência argentina e brasileira. Buenos Aires/Porto Alegre: Café de las Ciudades/Masquatro, 2013.
- DEL RIO, V. “Desenho urbano perde David Gosling”. **Arquitextos**, São Paulo, ano 02, n. 024.00, Vitruvius, maio 2002. Disponível em:
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.024/778>>.
- DEVILLERS, C. “Typologie de l’Habitat & Morphologie Urbaine”. **Architecture d’Aujourd’hui**, 174, jul-ago, 1974.
- ELIASH, H. *Depoimento*. [02 de agosto de 2011]. Santiago do Chile: Arquivo digital da gravação (56min.). Entrevista concedida a Gisela Barcellos de Souza.
- GARAY, A. “On the Administration of Urban Projects: The lessons of Puerto Madero”. In: Liernur, J. F. (org). **Puerto Madero Waterfront**. Munique: Prestal Verlag, 2007
- GORELIK, A. “The Puerto Madero Competition and Urban Ideas in Buenos Aires in the 1980”. In: Liernur, J. F. **Puerto Madero Waterfront**. Munique: Prestal Verlag, 2007.
- GRASSI, G. **La construcción lógica de la arquitectura**. Barcelona: Colegio Oficial de Arquitectos de Cataluña y Baleares 1973.
- GREGOTTI, V. **Território da Arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- INGALLINA, P. **Le Projet Urbain**. Paris: PUF, 2001.
- IRIGOYEN, A. “V SAL, Santiago, Chile Passado, Presente e Futuro”. **Arquitetura e Urbanismo - AU**. São Paulo: Pini, n.39, dez/jan 1992, p.20-21
- JAJAMOVICH, G. “Arquitectos proyectistas y transición democrática. El concurso de las 20 ideas”. **Anales del IAA**. Buenos Aires:FADU/UBA, n.41, 2011,p.203-212.
- KRIEGER, A.; SAUNDERS, W. (org.). **Urban Design**. Minneapolis/London: University of Minesota Press, 2008.

- LUNGO, M. "Grandes Proyectos Urbanos. Una visión general". **Urbana**, 37, 2005, 15-43.
- MALERONKA, C. **Projeto e gestão na metrópole contemporânea: um estudo sobre as potencialidades do instrumento "operação urbana consorciada" à luz da experiência paulistana**. Tese de doutorado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- MASBOUNGI, A (org.). **Projets Urbains en France**. Paris: Le Moniteur, 2002.
- MONTERO WARD, B. "Propuestas Concretas para la Ciudad". **El Mercurio**, Santiago do Chile, Vivienda y Decoración p. 6, 12 de out. de 1991, p.6
- MOSCATO, J. *Depoimento. [25 de agosto de 2011]*. Buenos Aires: Arquivo digital da gravação (2horas e 25min.). Entrevista concedida a Gisela Barcellos de Souza
- MOSCATO, J. "Gli Architetti in America Latina". In: Gutiérrez, R. (org). **Architettura e Società. L'América Latina nel XX secolo**. Milão: Jaca Book, 1996.
- MOSCATO, J; SCHERE, R. **Arquitectura e ideología**. México: Menhir Libros. 2000.
- ORDEIG CORSINI, J. M. **Diseño Urbano y pensamiento contemporáneo**. Barcelona: Instituto Monsa de Ediciones, 2004.
- PANDO, H. J. **Diseño Urbano**. Buenos Aires: Facultad de Arquitectura y Urbanismo/UNBA, 1965.
- PAVESI, Lorenza. **A recepção e difusão das teorias Townscape na Inglaterra, Itália, Estados Unidos e Brasil, nos anos de 1950 a 1980**. Tese de doutorado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- RONCAYOLO, M. "Préface". In: Ingallina, P. **Le Projet Urbain**. Paris: PUF, 2001.
- ROSSI, A. **L'Architecture de la Ville**. Paris: InFolio, 2001.
- ROWE, C. ; KOETTER F. **Collage City**. Infolio editions, Paris, 2002.
- SAINZ GUTIÉRREZ, V. **El proyecto urbano en España. Génesis y desarrollo de un urbanismo de los arquitectos**. Sevilla: Universidad de Sevilla y Consejería de Obras Públicas y Transportes, 2006.
- SERT, J. L. "The First Urban Conference: Extracts". In: Krieger ; Saunders (org.) **Urban Design** Minneapolis/London: University of Minesota Press, 2008.
- SOLÀ-MORALES, M. **L'art de ben establir. Curs d'urbanística** Barcelona: ESAB/Laboratori d'Urbanisme, 1984.
- SPINADEL, L.; BLAZICA, C.. "Reflexión crítica sobre las 20 ideas". **Summarios**. Buenos Aires: Ed. Summa, n.120, dez 1987, p.3-13
- TERÁN, F. **Historia del Urbanismo en España III**. Siglos XIX y XX. Madrid: Ediciones Cátedra, 1999.
- SOUZA, Gisela Barcellos. **Tessituras híbridas ou o duplo regresso: encontros latino-americanos e traduções culturais do debate sobre o retorno à cidade**. Tese de doutorado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- TSIOMIS, Y.; ZIEGLER, V. **Anatomie de Projets Urbains**. Bordeaux, Lyon, Rennes, Strasbourg. Paris: Éditions de la Villette, 2007.